

Tendências de concordância nominal no uso dos possessivos por aprendentes de português como língua estrangeira: o caso dos estudantes universitários do Zimbábue

RESUMO

Neste artigo debruçamo-nos sobre a concordância nominal entre os possessivos e os núcleos nominais, um dos processos linguísticos que se tem revelado crítico no contexto de aprendizagem do português. Neste âmbito, o objetivo deste estudo é de descrever as principais tendências no estabelecimento da concordância nominal entre os possessivos e os nomes num *corpus* constituído por sintagmas nominais escritos por estudantes de português língua estrangeira no segundo e no terceiro anos de graduação. Estes dois grupos têm como língua materna o Shona e como língua segunda, o Inglês, cujos mecanismos de concordância são significativamente diferentes dos do português. As teorias sobre a natureza e o processamento do *input* e sobre a ação do conhecimento linguístico prévio norteiam este estudo. A análise dos dados, baseada nas abordagens qualitativa e quantitativa, revela que, apesar de as realizações convergentes com o português europeu serem superiores em relação às realizações divergentes, estas apresentam características peculiares. A primeira característica tem que ver com a tendência da maioria dos estudantes de projetar o valor de número plural apenas através do núcleo nominal e o de gênero feminino através do possessivo. A segunda é concernente ao uso preferencial e desviante das formas femininas e masculinas dos possessivos, em correspondência ao gênero biológico do respetivo estudante/falante. Finalmente, a terceira diz respeito à irrelevância da coincidência ou não dos índices temáticos *-a* e *-o* com o feminino e o masculino no estabelecimento da concordância nominal.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes de português língua estrangeira. Concordância nominal. Possessivos. Tendências e estratégias.

Diocleciano Nhatuve

djrnhatuve@gmail.com

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo,
Moçambique.

Nelson M Ernesto

Lua1974nel@gmail.com

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo,
Moçambique.

INTRODUÇÃO

Os possessivos particularizam por estabelecerem a relação de pertença de um determinado objeto, ser animado ou uma ideia a uma certa entidade (DIAS, 1918; RAPOSO e MIGUEL, 2013). O uso destes especificadores, sob o ponto de vista pragmático-discursivo, pode depender da relação entre o falante e o ouvinte - para a seleção do possessivo formal ou informal *teu/tua; seu/sua; vosso/vossa* (cf. NOBRE de ARAÚJO, 2018) - e do possuidor - para a seleção do possessivo em função da pessoa gramatical em causa - (possessivos de 1ª, 2ª ou 3ª pessoas) (cf. WIELGOSZ, 2013). Sob o ponto de vista morfosintático, entretanto, o uso dos possessivos em português depende exclusivamente do objecto possuído para a seleção e estabelecimento dos valores gramaticais de gênero e de número.

Ademais, e tal como tem sido relatado em várias literaturas, o significado dos possessivos não se esgota na relação de pertença de um objeto a uma certa entidade (FORDYCE-RUFF, 2015). Os diferentes significados das unidades possessivas podem desenhar-se em função do contexto sintático em que se localizam, “do contexto cultural em que são usadas e da situação comunicativa específica” (wielgosz, 2013, p. 144-146; cf. também MULLER, 1998, p. 11-37). Esta breve referência aos aspectos que marcam o uso dos possessivos revela a existência de muitos aspectos linguísticos e extralinguísticos, pouco claros e pouco sistemáticos, que devem ser observados.

Ora, considerando que a clareza e a sistematicidade dos conteúdos/*input* na aprendizagem de língua estrangeira (LE) (cf. KRASHEN, 1981 e VANPATTEN, 2004) são condições relevantes para o desenvolvimento harmonioso de competências linguísticas, pode relacionar-se as dificuldades de uso dos possessivos por aprendentes de português língua estrangeira (PLE) com a complexidade dos aspectos linguísticos e extralinguísticos que devem ser observados.

Entretanto, os aspectos apresentados sobre o uso dos possessivos, a consideração de que a natureza e o processamento de *input* na aprendizagem de LE, bem como a ação do conhecimento linguístico prévio (CLP) têm impacto no desenvolvimento de competência na língua em aprendizagem, suscitaram perguntas relativas a tendências (comportamentos e estratégias) e respectivas hipóteses explicativas do uso dos possessivos por um grupo de aprendentes de PLE que tem como língua materna (LM) o Shona e como língua segunda (L2) o Inglês, línguas diferentes entre si, e as duas diferentes do português, no que tange ao fenómeno de concordância nominal (CN).

Portanto, o principal objectivo deste estudo é de descrever o uso dos determinantes possessivos (DPoss) por aprendentes zimbabueanos de PLE e apresentar as principais hipóteses explicativas das tendências que marcam o uso dos possessivos por este grupo. Neste âmbito pretendemos identificar quais são os comportamentos e estratégias que sobressaem na tentativa de estabelecer a CN entre os possessivos e os nomes; quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que têm um impacto negativo no desenvolvimento de competências de uso dos possessivos em PLE do grupo alvo.

O estudo alinha-se na tentativa de descrição dos diferentes comportamentos dos diferentes grupos de aprendentes de PLE, permitindo a divulgação do conhecimento sobre o ensino-aprendizagem e uso do português em contextos específicos em que o idioma não é uma língua materna. Este exercício permite o

conhecimento das principais tendências e a tomada de medidas favoráveis ao desenvolvimento harmonioso de competências em PLE a curto, médio e longo prazos. Ademais, a escolha deste tema justifica-se pelo fato de a CN ser uma condição *sine qua non* para a coesão gramatical de sentenças em português (cf. PERES e MÓIA, 1995, p. 444-445) e pelo fato de, no uso dos possessivos, se registrarem, nos manuscritos do nosso grupo alvo, tendência diferentes daquelas que são tidas como transversais.

1. NOTAS SOBRE A CN ENTRE OS POSSESSIVOS E OS NOMES

As teorias de aprendizagem das línguas não maternas preveem vários fatores linguísticos e extralinguísticos que podem desempenhar papéis (des)favoráveis para o desenvolvimento de competências em diversas áreas da língua. Podem ser considerados fatores linguísticos a clareza, a simplicidade (KRASHEN, 1985, p. 81-82), a sistematicidade e a regularidade (MARTINS, 2015, p. 26-51) de determinados mecanismos linguísticos tais como a ordem das palavras a concordância nominal e verbal, entre outros. Por sua vez, podem ser considerados fatores extralinguísticos os tipos de input - implícito ou explícito (cf. KRASHEN, 1981, p. 10; PARADIS, 1994, p. 1) - os processos psicocognitivos - processamento do input (cf. MADEIRA, 2017, p. 314; VanPatten, 2004) - a relação entre a língua alvo e as línguas previamente adquiridas ou aprendidas (cf. DUARTE, 2008, p. 14; ODLIN, 1989, p. 27; GASS, 1979, p. 327; GASS e SELINKER, 2008, p. 93; SAVILE-TROIKE, 2005, p. 19), a interação (LONG, 1981), a idade, a motivação, o contexto de aprendizagem (cf. PARADIS, 2008, p. 344; MADEIRA, 2017, p. 306), entre outros aspectos. Embora seja possível que o (in)sucesso no desenvolvimento de determinadas competências linguísticas se deva a um fator particular, é muito comum que seja a combinação de vários aspectos linguísticos e extralinguísticos na base de dificuldades ou do sucesso na aprendizagem de uma LE.

Neste âmbito, o fenômeno de CN, em geral, em português preconiza a semelhança de traços gramaticais de gênero e de número no interior do mesmo elemento, o sintagma nominal (SN). Isto significa que os especificadores e os modificadores que se encontram no domínio de um núcleo nominal devem decalcar os traços gramaticais do núcleo nominal. Neste âmbito, a CN em número revela-se menos difícil de aprender e estabelecer, como consequência do caráter regular e sistemático, o que não se observa com a CN em gênero (cf. MARTINS, 2015, p. 26-51). Outrossim, a necessidade de semelhança de traços gramaticais entre os especificadores, modificadores e os núcleos nominais em SN resulta em estruturas redundante. Como consequência, em diferentes fases das interlínguas (SELINKER, 1972), os aprendentes encontram estratégias próprias (à margem da norma do português europeu (PE)) para o estabelecimento da CN. Dentre essas estratégias podem indicar-se a preferência por palavras lexemáticas e pela não redundância, no âmbito do processamento do input (VANPATTEN, 2004).

No que ao uso dos possessivo diz respeito, sabe-se que estes determinantes têm a particularidade de variarem consoante os traços semânticos de gênero e número da entidade possuída. Geralmente, seguem-se ao determinante artigo ou demonstrativo e precedem os quantificadores numerais – com os quais operam uma múltipla especificação - e nunca podem ocorrer na posição inicial do SN, no PE não literário (RAPOSO e MIGUEL, 2013, p. 729 -730), um dos aspectos que distanciam esta variedade da brasileira.

O fato de os significados dos possessivos dependerem do contexto sintático em que se encontram, do contexto cultural do seu uso e também da situação comunicativa (WIELGOSZ, 2013, p. 144-146), revelando a relação entre o falante, o ouvinte e o objecto possuído e, mesmo assim, dependerem exclusivamente dos traços gramaticais do elemento possuído para a CN nominal, torna o processo menos claro e menos compreensível para os aprendentes de PLE (cf. KRASHEN, 1981; 1985 sobr a natureza do input). É que o elemento possuído pode ser o próprio falante (Exemplos 1 a. e b.), pode ser também o ouvinte (Exemplos 1 c. e d.) ou uma terceira entidade diferente dos interlocutores (Exemplos 1 e. e f.). Esta situação, associada à falta de um input de natureza implícita (muito importante para a mestria no uso da língua) em contextos de comunicação real, propicia a ocorrência de estruturas à margem do PE, resultantes da tentativa do aprendente de usar os possessivos.

Exemplos 1:

Eu sou teu filho.

Eu sou sua filha.

Tu és a minha amiga favorita.

Você é o meu amigo favorito.

A Rita é a nossa filha.

Vi o seu carro.

As diferenças entre Shona e Inglês em relação ao Português, no que diz respeito ao uso dos possessivos, merece algumas observações. Apesar de as duas línguas terem sistemas de possessivos, o estabelecimento da CN entre estes especificadores e os nomes é particular a cada uma das línguas. Em Shona a CN envolvendo os possessivos, apesar de estes dependerem igualmente do elemento possuído, ocorre através da prefixação e não envolve os valores gramaticais de masculino e feminino. Já em Inglês não se observam mecanismos de concordância sintática (CS).

Esta conjuntura revela, de fato, o caráter complexo da sintaxe do Português, fato que, até certo ponto, pode estar na origem de algumas dificuldades no uso dos possessivos. Estudos efectuados por linguistas, tais como Floripi (2008), ilustram claramente o caráter dinâmico da LP ao longo do tempo no que concerne ao uso dos artigos e possessivos nos SN. Adicionalmente, para além dos paradigmas do seu uso, a sua função sintática em frases é de uma diversidade a considerar.

Os possessivos podem desempenhar muitas funções (quando funcionam como pronomes); no entanto, as formas fracas – as que interessam para os propósitos deste estudo - apenas podem funcionar como determinantes ou como vocativos. Aliás, as colocações pré-nominais e pós-nominais projetam a “definitude” ou “indefinitude” do SN (BRITO, 2003, p. 509). Nestes paradigmas, enquanto os DPoss se fazem anteceder pelos artigos definidos e pelos demonstrativos em SN definidos, os mesmos se pospõem ao nome determinado pelos indefinidos, pelos numerais, pelos interrogativos e pelos exclamativos.

No que diz respeito às tendências que sobressaem no estabelecimento da CN entre os possessivos e os nomes, importa destacar que, no Português brasileiro (PB), os elementos à esquerda do núcleo (especificadores) “tendem a receber mais

marcas explícitas de plural, enquanto aqueles à direita do núcleo tendem a receber menos marcas explícitas de plural” Schere (1994, p. 5 - 7). Aliás, Vieira e Brandão (2014, p. 88 - 89), de forma mais específica, detetam, no PB vernacular, a flexão em número do artigo e do possessivo (numa estrutura artigo + possessivo + nome), ficando o núcleo na forma não marcada.

Já no contexto africano onde o Português é língua segunda, registram-se tendências semelhantes às que se observam no PB. No Português de São Tomé, por exemplo, há a referir que “the specifiers [including possessives] of the noun (...) tend to carry the plural morpheme, while the noun itself and post-nominal adjectives are defective in number marks” (MIGUEL; MENDES, 2013, p. 151-156). Por seu turno, analisando dados do Português de Angola, Adriano indica a tendência para a marcação do plural apenas no possessivo numa estrutura como *na nossas cidade (ADRIANO, 2014: 189). Portanto, quer no PB quer no Português africano (PA), as dificuldades de estabelecer a CN entre os possessivos e os nomes envolvem a categoria gramatical de número.

Quanto à CN entre o possessivo e o nome em PLE, destaque vai para o estudo feito por Ernesto (2015) em que observa que os aprendentes Zimbabwianos de PLE, para além das dificuldades no estabelecimento da concordância nominal em número (CNN), tendem a estabelecer a concordância, usando a forma feminina ou masculina dos possessivo em correspondência ao gênero biológico do falante. Esta é uma tendência que procuraremos observar e confirmar com base nos dados recolhidos para este estudo.

2. METODOLOGIA

Os dados que nós analisámos neste trabalhos são referentes a dois grupos de aprendentes, um do 2º ano de aprendizagem de PLE e o outro do 3º ano de cursos de graduação (em diferentes áreas) na Universidade do Zimbabué. Os alunos foram solicitados, com base em exercícios no âmbito do ensino e da aprendizagem de PLE, que escrevessem textos sobre temas como *descrição de um amigo; férias do natal/páscoa; atividades do dia-a-dia; e vida na Universidade*. Os alunos realizaram as suas atividades na escola, sob observação do professor e em casa. Esta estratégia visava observar até que ponto, o contexto em que são escritos os textos tinha alguma influência na ocorrência de desvios de CN. No entanto, observámos que, sob o ponto de vista qualitativo, as dificuldades observadas em textos escritos nos dois contextos eram semelhantes, o que fundamenta a nossa decisão de analisar todos os dados recolhidos no mesmo trabalho.

Para a constituição do *corpus*, extaímos dos textos recolhidos todos os SN que tinham possessivos simples (*meu/minha; teu/tua; seu/suas; nosso/nossa ...*). Nestas estruturas sintáticas (convergentes e divergentes em relação ao PE), foram isolados (com recurso aos parenteses rectos) os respectivos possessivos e marcadas com (*) as estruturas com problemas de CN entre o possessivo e nome.

No total, foram 39 estudantes que escreveram e submeteram os seus trabalhos para efeitos de estudos linguísticos. Os nossos informantes tinham idades entre os 20 e os 35 anos e eram falantes de Shona como LM e de Inglês como língua segunda, duas línguas muito diferentes do Português no que concerne à CN. Do total dos informantes, 69% correspondem a estudantes do sexo feminino,

enquanto 31%, a estudantes do sexo masculino. A tabela 1 abaixo, resume a caracterização dos nosso informantes.

Tabela 1: Caracterização dos informantes (totais 2º e 3º anos)

Nível de aprendizagem	HM		Lingua Materna						LS	Idade						Com familiar lusofalante			
	H	M	SH		ND		EN			EN		18-20		21-25		26-30		SIM	NÃO
3º e 2º anos	12	27	H	M	H	M	H	M	MH	H	M	H	M	H	M			1	38
	31%	69%	31%	67%	2%	10%	90%		20.5%	48.7%	7.7%	23.1%	2.6%	97.4%					
	39		38		1		4		35	-		27		12		39			

Quadro elaborado com base nos dados fornecidos no formulário de consentimento informado.

*Estes quatro alunos indicaram no formulário de consentimento informado que têm também o inglês como língua materna.

Neste contexto, o estudo baseia-se numa abordagem mista (cf. FONSECA, 2002 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 33 – 34 sobre a pertinência da combinação das duas abordagens). A metodologia qualitativa permite-nos considerar e analisar diferentes aspectos linguísticos inerentes à concordância entre os possessivos e os nomes, nomeadamente, as categorias gramaticais de gênero (feminino e masculino) e de número (singular e plural). Já a metodologia quantitativa possibilita a observação das tendências e estratégias salientes no estabelecimento da concordância, bem como a comparação, em termos de performance dos membro do nosso grupo alvo, das duas grandes categorias de CN. Para além disto, possibilita a comparação do fenómeno de CN em dois níveis, nomeadamente, o 2º e o 3º anos.

Para o estudo empírico, os dados são apresentados em tabelas que permitem (1) a observação de valores numéricos e percentuais das realizações convergentes e divergentes, (2) a análise e comparação das duas categorias de CN (gênero e número) e da performance de cada nível (2º e 3º ano), (3) a observação das tendências de estabelecimento da CNN e da concordância nominal em gênero (CNG), (4) a relação entre os desvios de CNG e os índices temáticos, bem como entre (5) os desvios de CNG e o sexo do informante.

3. CONCORDÂNCIA NOMINAL ENTRE OS POSSESSIVOS E OS NOMES EM TEXTOS ESCRITOS POR APRENDENTES ZIMBABUEANOS DE PLE

Os dados sobre a CN analisados neste estudos correspondem a duas estruturas principais, nomeadamente: *Artigo + Possessivo + Nome* e *Preposição + Artigo + Possessivo + Nome*. No entanto, a análise vai focalizar a relação entre o possessivo e o nome.

Em termos gerais, a base empírica deste trabalho indica que as realizações em conformidade com a norma do PE superam as realizações desviantes (cf. os totais na tabela 2). Para além disso, a diferença das realizações desviantes no segundo e no terceiro anos indica uma considerável redução da dificuldade de estabelecer a CS como resultado do processo de aprendizagem.

Tabela 2: Concordância nominal entre o possessivo e o nome

Realizações	Total	CNN	Uso Sing.	Uso Plur.	CNG	Uso M as	Uso Fem.
2º Ano							
Divergentes	104 (43 %)	40 (17%)	33 (14%)	7 (3%)	64 (26%)	26 (11 %)	38 (15 %)
Convergentes	138 (57%)	138 (57%)	94 (39%)	44 (18%)	138 (57%)	55 (23 %)	83 (34 %)
	242 (100%)						
3º Ano							
Divergentes	33 (27%)	6 (5%)	3 (2.5%)	3 (2.5%)	27 (22%)	11(9%)	16 (13%)
Convergentes	91 (73%)	91 (73%)	58 (46 %)	33 (27%)	91 (73%)	48 (38%)	43 (35%)
	124 (100%)						

A leitura da tabela 2 revela que, do total dos dados analisados, as realizações desviantes de concordância nominal em número (CNN), com 40 e 6 ocorrências, perfazendo 17% e 5%, continuam a atingir valores inferiores às realizações divergentes de CNG, com 64 e 27 ocorrências, que representam 26% e 22% dos totais considerados no segundo e terceiro anos. As realizações convergentes, por sua vez, atingem, em cada nível e em cada uma das categorias de CN, valores percentuais iguais a 57% e 73%, nos dois níveis (cf. a tabela 2).

Quanto à CNN, os exemplos 2 abaixo ilustram as realizações desviantes na amostra dos aprendentes zimbabueanos de PLE:

Exemplos 2:

A * [minha crianças] PII14/15/16SI/II52 (F1036) (PE = As minhas crianças)

A * [minha pais] vão para ao cinema. M PII14/15/16SI/II52 (F946) (PE = Os meus pais)

Quando terminar a *[minha exames]. H PII14/15/16SI/II52 (F985) (PE = os meus exames)

(...) em vez disso eu usei esse dinheiro para pagar as *[minhas propina] de Universidade. PIII16SI14 (F303) (PE = a minha propina)

[*Meus pai] gosta beber o vinho (Meu pai) [R055857D/POB 1000]

As frases 2 (a. - e.) ilustram o desvio de CNN dos possessivos com os respetivos núcleos nominais. De uma forma geral, o uso desviante do singular, com 33 casos, representa 14%, contra 7 casos do uso desviante do plural, equivalentes a 3% do total dos SN considerados para a análise do fenómeno de CN entre os possessivos e os nomes no 2º ano. Já no terceiro ano, regista-se uma igualdade numérica de 3 casos correspondentes a 2.5% das realizações divergentes do uso do singular e do uso do plural (cf. supra tabela 2).

As frases em análise indicam que numa estrutura sintáctica do tipo *Artigo + Possessivo. + Nome* com traço [+ Plural], a tendência é de colocar os possessivos, na sua forma não marcada – tendência do uso desviante do singular - colocando a marca morfológica de número apenas no núcleo nominal (Exemplos 2). Esta tendência é muito mais observável nos dados referentes ao 2º ano, enquanto no 3º se regista uma igualdade entre o número de realizações em que a marca de número é colocada no núcleo e o de realizações em que a marca é colocada no possessivo (cf. tabela 3 abaixo sobre o elemento que acomoda a marca de número plural na CNN entre o possessivo e o nome).

Tabela 3: Estratégia de marcação de número na CNN entre o possessivo e o nome – ocorrências desviantes

Nível	CNN amostra em análise		
	Marca do plural no possessivo	Marca do plural no núcleo	
	2º ano (40)	3º ano (6)	total (46)
2º ano	7 (18%)	33 (82%)	
3º Ano	3 (50%)	3 (50%)	

A tabela 3 revela a ocorrência de 7 (18%) casos de realizações desviantes devidas à marcação do valor do número gramatical apenas no especificador, contra 33 (82%) ocorrências cujo desvio consiste na indicação do valor de número gramatical plural apenas no núcleo do SN, no 2º ano. Isto significa que, até ao 2º ano, prevalece a tendência para a marcação do valor de número gramatical apenas no núcleo. Todavia, já no 3º ano, parece que esta tendência é ultrapassada, pois os dados da tabela 3 indicam uma igualdade no uso das duas estratégias (marcação do valor de número no núcleo e no possessivo).

As dificuldades observadas no uso dos Dposs pelo nosso grupo alvo, que se revelam diferentes das que se observam no uso dos possessivos e de outros determinantes do nome noutros contextos onde se aprende e/ou usa o Português, apelam para a realização de estudos profundos para explicar, sob o ponto de vista linguístico (aspectos particularmente linguísticos na base das dificuldades observadas) e sociolinguístico (aspectos extralinguísticos que condicionam o uso dos possessivos) as tendências salientes.

A literatura sobre o uso dos possessivos em Português revela que os desvios de CNN são observáveis, regra geral, em todos os contextos em que o Português é língua não materna (LNM) e no PB. Entretanto, no que concerne ao número plural, os estudos do PB revelam uma tendência contrária à que se verifica na amostra de aprendentes zimbabueanos em estudo. De acordo com os trabalhos de Costa (2008) e Santos (2017) e também de Scherre (1994), na variedade brasileira, os elementos que se antepõem ao núcleo nominal é que acomodam os morfemas de plural, ou seja, enquanto no PLE dos falantes de Shona e de Inglês (sobretudo os do 2º ano) a marca do plural se acomoda no próprio núcleo, no PB, são os especificadores responsáveis por projectar o valor do número do SN.

Igualmente, nas variantes africanas, com destaque para o Português de São-Tomé, onde se falam crioulos de base portuguesa (cf. HAGEMEIJER, 2009), e para o PA, onde se falam línguas *bantu* como línguas maternas (INVERNO, 2009), registram-se as tendências de flexionar em número os elementos antepostos ao núcleo nominal (cf. MENDES e MIGUEL, 2013), dando lugar a estruturas desviantes semelhantes às que se observam no PB e, conseqüentemente, diferentes das estruturas do nosso grupo alvo.

Com efeito, se o PLE dos falantes de Shona e de Inglês revela um comportamento diferente do PA também influenciado pelas línguas *bantu*, parece ser plausível que a tendência observada no Português escrito dos falantes de Shona como LM e de Inglês como língua segunda (marcação do valor de número apenas no núcleo) não esteja necessariamente relacionada com o conhecimento

linguístico prévio do Shona, mas sim do Inglês. Aliás, os exemplos de Shona revelam a marcação do plural nos possessivos, ainda que seja através da prefixação (Exemplos 3 a. e b.), o que não se registra nos exemplos de Inglês (Exemplos 3 c. e d.).

Exemplos 3:

SH = **Vana** [_{Poss.Plur.} **vangu**] **vanofara**. (PT = As minhas crianças estão felizes.)

SH = **Zvidzido** [_{Poss.Plur.} **zvavo**] **zvakatanga**. (PT = Os seus estudos começaram.)

EN = [_{Poss. Sing.} **My**] **children are happy**. (PT = As minhas crianças estão felizes)

EN = [_{Poss.} **Their**] **studies have started**. (PT = Os estudos deles/delas começaram)

Portanto, para explicar esta tendência (uso do singular), pode invocar-se, por um lado, o fenómeno de transferência linguística (conhecimento linguístico prévio de Inglês) e, por outro, os princípios da não redundância e da preferência por palavras lexemáticas, no âmbito do processamento do *input* linguístico por aprendentes de LE (VANPATTEN, 2004).

No que respeita à concordância em gênero, os dados indicam igualmente aspectos peculiares se se considerar os resultados de outros estudos sobre as variantes não nativas do Português. Aliás, muitos estudos (como por exemplo Martins, 2015; Pinto, 2012, entre outros) indicam que o gênero é a categoria gramatical em que a maioria dos desvios ocorre.

A tabela 2 acima ilustra 26 casos do uso desviante do masculino e 38 do feminino, respetivamente, correspondentes a 11% e 15% dos 242 SN considerados no 2º ano, enquanto no 3º, registram-se 11 e 16 ocorrências desviantes no uso do masculino e do feminino, iguais a 9% e 13% dos 124 SN analisados neste nível, respectivamente. Efectivamente, observa-se, no Português escrito do nosso grupo alvo, o uso preferencial do feminino, em oposição à tendência generalizada do uso do masculino. Os exemplos 4 a seguir representam casos de uso desviante do feminino no estabelecimento da CNG entre o possessivo e o nome.

Exemplos 4:

- a. Em outubro, vou celebrar a ***[minha dia]** de nascimento no dia vinte e sei.... PII16SI51 (F849) (PE = o meu dia)
- b. e depois lavav a ***[minha uniforme]** PII16SI47 (F757) (PE = o meu uniforme)
- c. Também eu vou cassar a ***[minha namorado]**. PII16SI44 (F680) (PE = o meu namorado)
- d. Depois do jantar eu fazia a ***[minha trabalho]** de casa PII16SI2 (F47) (PE = o meu trabalho de casa)
- e. e [_{sv} limpa a ***[sua quarto]** de dormir e a casa. PII15SII12 (F193) (PE = o meu quarto)
- f. Depois das ***[nossas estudos]** PIII16SI19 (F397) (PE = dos meus estudos)

- g. Naturalmente, a Treasher vou ao cinema **com a *[sua namorado]** e as colegas. PIII16SI12 (F269) (PE = com o seu namorado)
- h. sobre **os *[suas amigos]**, namorada e a sua vida. PIII16SI13 (F285) (PE = os seus amigos)
- i. A Tanya gosta de brincar com **as *[suas irmãos]**. PIII16/17SI/II (F492) (PE = os seus irmãos)
- j. ... ***[meu mulher]** é a Nyasha (= minha mulher é a Nyasha) [R015147N/POB 1010]

Quanto ao elemento que acomoda a marca de gênero feminino, os dados indicam que, com os possessivos, em correspondência ao aumento de realizações desviantes de CNG feminino, em que os núcleos nominais com traços [+ Masculino] são combinados com possessivos com traços [- Masculino] – tendência para o uso desviante do feminino – verificamos que estes determinantes é que projetam o valor de feminino de todo o SN como se pode observar na tabela 4 abaixo, em que os valores percentuais são calculados em relação aos totais de desvios de CNG apresentados na tabela 2 (43 e 13 para o 2º e o 3º anos):

Tabela 4: Estratégia de projeção de gênero na CNG entre o possessivo e o nome – realizações desviantes

Nível	CNG amostra em análise		
	Marca do feminino no especificador	Marca do feminino no núcleo	
	2º ano (64)	3º ano (27)	total (91)
2º ano	38 (59%)	26 (41%)	
3º Ano	16 (59%)	11 (41%)	

A tabela 4 ilustra que, no 2º ano, 38 (59%) casos representam o uso desviante do feminino, contra 26 (41) casos de uso desviante do masculino. Já no 3º ano, observam-se na tabela 4, 16 ocorrências equivalentes a 59% de realizações desviantes, em que o valor do gênero feminino se revela apenas no possessivo, contra 11 ocorrências equivalentes a 41% de realizações, em que o valor do gênero é simplesmente evidenciado no núcleo através do índice temático (IT) -a.

A mudança da tendência de uso do masculino, numa amostra de informantes maioritariamente do sexo feminino (69% - cf. a tabela 1 sobre a caracterização dos informantes), sugere uma reflexão sobre as estratégias a que o grupo alvo recorre para estabelecer a CNG entre os possessivos e os núcleos nominais. Há duas possibilidades a considerar relativamente a este fato. A primeira é que a tendência de usar de forma desviante o gênero feminino na CS entre os possessivos e os nomes se observe com qualquer aprendente de PLE do nosso grupo alvo (independentemente do seu gênero biológico). A segunda é que os desvios de CNG tenham que ver com a marcação do gênero gramatical em função do gênero biológico, tal como sugeriu Ernesto (2015), sendo que o elevado número de uso desviante do feminino está sobretudo em correspondência ao elevado número de informantes do sexo feminino no nosso grupo alvo.

Neste âmbito, a análise dos dados referentes às realizações desviantes de CNG revela, com efeito, aspectos a considerar no âmbito da relação entre o uso dos possessivos e o gênero biológico dos nossos informantes. Em conformidade com a

tabela 5 abaixo, duas tendências devem ser sublinhadas. A primeira tendência tem a ver com o fato de se observarem elevados índices de desvios de CNG em dados dos subgrupos de estudantes do sexo feminino dos dois níveis (cf. os totais na tabela 5). A segunda tendência tem que ver com a tendência de estabelecimento de CNG em função do gênero biológico do falante que se revela através da coincidência de elevado número de realizações desviantes do feminino e do masculino com o gênero biológico dos respectivos autores, nos diferentes subgrupos do 2º e do 3º anos.

Tabela 5: Desvios de CNG em relação com o gênero biológico do informante

Nível	Uso desviante de concordância nominal de gênero					
	Estudantes do sexo feminino			Estudantes do sexo masculino		
	Total de desvios	Uso desviante do feminino	Uso desviante do masculino	Total de desvios	Uso desviante do feminino	Uso desviante masculino
2º ano	51	34 (67%)	17 (33%)	13	4 (31%)	9 (69%)
3º ano	18	14 (78%)	4 (22%)	9	2 (22%)	7 (78%)

Em termos quantitativos, na tabela 5, observamos que, do total dos dados considerados, 67% e 78% de realizações desviantes de CNG do subgrupo de estudantes do sexo feminino do 2º e do 3º anos representam o uso desviante do feminino, que consiste na combinação de possessivos com traços [+ Femininos] com núcleos nominais com traços [- Femininos]. Por seu turno, 69% e 78% de realizações são referentes ao uso desviante do masculino pelos subgrupos de estudantes do sexo masculino nos dois níveis. Portanto, observa-se a coincidência do uso desviante do gênero gramatical (feminino ou masculino) com o gênero biológico do autor dos enunciados (cf. também ERNESTO, 2015; ERNESTO, CHIPARA E NHATUVE, 2016 e NHATUVE, 2018).

Os desvios de concordância entre o possessivo e o nome incidem sobre a flexão dos DPoss *meu; nosso* e *seu* em gênero, conforme se observa nos exemplos 5 abaixo:

Exemplos 5:

- a. ... *[**meu mulher**] é a Nyasha (= minha mulher é a Nyasha) [R015147N/POB 1010]
- a. *[**Meus pai**] gosta beber o vinho (Meu pai) [R055857D/POB 1000]
- b. A *[**minha irmaos**] o Paida, o Winnie e o Mavis (= Os meus irmãos o Paida, o Winnie e o Mavis) [R021077F/POB 1010]
- c. ... sai sempre com a *[**sua namorado**] ... PIII16SI17 (F359) (PE = ... meu namorado)
- d. Depois das *[**nossas estudos**] ... PIII16SI19 (F397) (PE = ...nossos estudos)
- e. Eu escrevo esta carta porque quero dizer você **da** *[**minha primeiro**] ano na universidade (= ... do meu primeiro ano ...). [R033331F/POB 1020]

Portanto, no *corpus* em estudo verificou-se que há tendência, conforme os exemplo em 5, de inverter o gênero do possessivo, ou seja, colocar o gênero masculino quando é requerido o gênero feminino ou este quando é requerido o masculino. Para determinar a origem desta situação procedemos à análise de fichas de inscrição/termos de consentimento informado dos informantes cujos textos apresentavam desvios de CNG (a maior parte dos cerca de 39 estudantes inquiridos) e verificamos que, nos casos em que é aplicado o gênero masculino do possessivo (*meu, seu* ou *nosso*) este coincide com o gênero biológico do estudante (Masculino) (Exemplo 5 a. – b.) e quando usado o gênero feminino do possessivo *minha, sua* e *nossa*, este coincide com o gênero biológico da estudante (feminino) (Exemplo 5 b. – e.).

Já no que diz respeito à relação entre os possessivos, marcação do gênero e CN, os dados deste estudo revelam que os desvios de marcação do gênero não são resultado da atribuição dos valores de gênero gramatical em função dos IT *-a* e *-o* coincidentes com o feminino e o masculino (cf. NHATUVE, 2018), como se pode observar na tabela 6, em que os valores percentuais são calculados em relação aos totais de realizações desviantes de CNG entre os possessivos e os nomes.

Tabela 6: Desvios de CNG entre o possessivo e o nome em função do IT

Realizações	Total	Desvio de CNG em nomes com IT -a	Desvio de CNG junto de nomes com IT -a	Desvio de CNG em nomes com IT -o	Desvio de CNG junto de nomes com IT -o	Uso desviante do masculino em nomes de IT -Ø e atemático	Uso desviante do feminino em nomes de IT -Ø e atemático
Grupo alvo							
Div. CNG 2º Ano	64 (100%)	18 (28%)	0 (0%)	28 (44%)	0 (0%)	8 (13%)	10 (15%)
Div. CNG 3º Ano	27 (100%)	3 (11%)	1 (4%)	13 (48%)	0 (0%)	7 (26%)	3 (11%)

De acordo com a tabela 6, no grupo de aprendentes zimbabueanos de PLE, muitos nomes com IT *-a* (18 casos correspondentes a 28% dos 64 SN considerados no 2º ano) são combinados com os possessivos masculinos (Exemplos 6 a. e b.) e os que têm como IT *-o* (28 casos equivalentes a 44%) são combinados com os possessivos femininos (Exemplos 6 c. e d.). No 3º ano, o maior número de nomes de tema *-o* (13 casos equivalentes a 48% dos 27 SN analisados) é antecedido por possessivos femininos (Exemplos 6 e. e f.). Ademais, quer no 2º quer no 3º ano, os desvios de CNG envolvendo os nomes que integram classes temáticas *-Ø* ou SN com nomes atemáticos (18 e 10, respetivamente, no 2º e 3º anos) distribuem-se pelo feminino e pelo masculino (Exemplos 6 g. e h.). Portanto, em termos de tendências, no grupo de aprendentes zimbabueanos de PLE, observa-se que os índices de desvios de CN são elevados em SN com núcleos nominais com IT *-o*, *-Ø* ou SN com núcleos atemáticos.

Exemplos 6:

- a. O *[**meu namorada**] gosta de comer PII16SI43 (F666) (PE = ... minha namorada)
- b. O *[**meu primeiro professora**] chamava-se senhora Murutsi. PII16SI46 (F727) (PE = ... minha [...] professora)

- c. Eu comecei a *[**minha** primeiro ano]. PII14/15/16SI/II52 (F978) (PE = ... meu [...] ano)
- d. ... às vezes visitei as *[**minhas** sobrinhos] em Amalinda. PIII17SII38 (F803) (PE = ... meus sobrinhos)
- e. ... sai sempre com a *[**sua** namorado] ... PIII16SI17 (F359) (PE = ... meu namorado)
- f. A *[**minha** pais] vão para ao cinema. PII14/15/16SI/II52 (F885) (PE = ... meus pais)
- g. A *[**minha** professor] foi chama-se senhora Makurumidze. PII16SI47 (F742) (PE = ... meu professor)

As dificuldades observadas no estabelecimento da CNG em PLE, neste estudo, reforçam, de fato, que o gênero em português é uma categoria de difícil aprendizagem. Neste âmbito, os resultados desta pesquisa convergem com outros estudos sobre o PLE efetuados por autores como Martins (2015) e Pinto (2012). No entanto, já não convergem com estudos de Martins (2015), de Mariotto e Lourenço-Gomes (2013) e de Gonçalves (2010) (que revelam o uso preferencial e desviante do masculino) no que concerne à tendência do uso preferencial e desviante do feminino.

A projecção do valor de gênero apenas através do possessivo (com maior número de realizações divergentes do Português europeu) pelos aprendentes zimbabueanos de PLE é uma estratégia que coincide com as tendências reveladas por autores como Scherre (1994), Costa (2008), Santos (2017), Hagemeyer (2009) e Inverno (2009) na literatura sobre a CS no PB e em algumas variedades do Português africano. No entanto, esta tendência (flexão gramatical apenas do especificador no interior de SN) é observada, no PB e no PA, apenas no estabelecimento da CNN. Aliás, a maioria dos estudos arrolados na revisão bibliográfica reporta sistemática e recorrentemente aspectos relativos à CNN.

Ademais, é preciso destacar o fato de, enquanto na CNN entre o possessivo e o nome – processo regular, sistemático, motivado e com morfemas específicos (MARTINS, 2015) – a estratégia de CS consiste na projecção do valor gramatical de plural, na maioria dos casos, apenas através da unidade lexemática – o nome – que encabeça o SN, na CNG – cujos mecanismos são menos claros, menos sistemáticos e sem morfemas específicos – os aprendentes zimbabueanos de PLE projectam tendencialmente o valor do gênero apenas através da unidade morfemática – o possessivo.

O gênero e o número não marcados (masculino e o singular) são de uso preferencial por aprendentes de variantes não nativas do Português (cf. GONÇALVES, 2010; 2015). No entanto, no que diz respeito estritamente ao uso dos possessivos por falantes de Shona e de Inglês, na CNG, o feminino é o valor gramatical de uso preferencial e desviante.

Para além de aspectos intralinguísticos (assistematicidades dos mecanismos de marcação do gênero em Português) apontados por Martins (2015) e Mota (2016a; 2016b), na base da tendência do uso desviante dos possessivos, está uma estratégia que relaciona o uso da língua com o gênero biológico do falante. É que os dados apresentados na tabela 5 apontam para a dependência do gênero gramatical do sexo do falante, em que indivíduos do sexo feminino usam de forma

desviante os possessivos femininos com nomes masculinos e os do sexo masculino usam de forma desviante os possessivos masculinos junto de nomes femininos. Neste âmbito, enquanto os estudos de Ercket (2003) e Manguilhot (2009) sobre a relação entre o uso da língua e o gênero biológico apontam para maior rigor, eficácia e sucesso no uso da língua por indivíduos do sexo feminino se comparados com os do masculino, este estudo indica, por sua vez, que, no nosso grupo alvo, o sexo influencia a escolha do gênero gramatical.

Os desvios de CNG observados revelam que a coincidência dos índices temáticos *-a* e *-o* com os gêneros feminino e masculino é irrelevante no estabelecimento da CNG como se pode observar na tabela 6. Esta tendência distancia o nosso grupo alvo de outros grupos de aprendentes de PLE estudados por Leiria (2006) e por Mariotto (2013), por exemplo, cujas dificuldades de estabelecer a CNG se verificam em sintagmas nominais com núcleos que não integram as duas classes temáticas ou em sintagmas envolvendo aqueles índices, mas sem coincidirem com os dois gêneros gramaticais.

No que tange à marcação morfológica do gênero nos possessivos, o Inglês e o Shona não apresentam nenhum aspecto que diretamente influencie as tendências do uso desviante do feminino, de marcação do gênero apenas no especificador e em função do sexo e da não dependência da CNG em relação aos IT coincidentes com o feminino e o masculino. Embora haja, naturalmente, sistemas de possessivos nas duas línguas, estas não têm mecanismos linguísticos de marcação morfológica dos gêneros masculino e feminino. Portanto, os desvios e as tendências que ora se registram parecem ter mesmo a ver com o caráter pouco claro da marcação do gênero em Português (MARTINS, 2015, p. 40 - 41) associado ao princípio de preferência por estruturas não redundantes, pondo em causa o de preferência por palavras lexemáticas (VANPATTEN, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na concordância nominal entre os possessivos e os nomes registram-se, no seio de aprendentes zimbabueanos, desvios de gênero e número. No entanto, é na CNG que maior número de realizações desviantes se observa. Diferentemente das tendências de uso preferencial e desviante do masculino e do singular, observadas em outros estudos sobre o fenômeno de concordância nominal em português língua não materna, com os possessivos verifica-se, em estruturas sintáticas dos aprendentes de PLE sendo falantes de shona e inglês, a tendência do uso desviante do feminino e do singular.

Na verdade, relativamente ao estudo de Ernesto (2015) e de Ernesto, Chipara e Nhatuve (2016), este estudo confirma a tendência de estabelecimento da CNG em função do gênero biológico do falante. Para além disto, o estudo revela alguns aspectos de interesse no âmbito do ensino aprendizagem de PLE, nomeadamente:

1. A tendência de projeção do valor do número gramatical plural apenas através do núcleo nominal (em oposição a);
2. A tendência de projeção do valor do gênero gramatical feminino apenas através do possessivo;
3. O elevando índice do uso desviante do feminino;

4. A irrelevância da coincidência dos índices temáticos *-a* e *-o* com os gêneros gramaticais *feminino* e *masculino* no estabelecimento da concordância.

A redução do índice do desvio na passagem do 2º para o 3º ano e a ocorrência de tendências que se distanciam das tendências transversais dos aprendentes de Português língua não materna apontam para a relevância do processo de ensino-aprendizagem para o desenvolvimento de competências de estabelecer a concordância nominal entre os possessivos e os nomes; apontam, igualmente, para a necessidade de abdicar do recurso a estratégias e também materiais concebidos tendo em consideração as tendências gerais reveladas em vária literatura sobre a concordância nominal e de apostar em estratégias inovadoras em função das características e tendências específicas deste grupo.

Aliás, o estudo demonstra que o nível de aprendizagem do PLE, os fenómenos de transferência linguística, a preferência pela não redundância e pelas palavras lexicais no processamento do *input* e a assistemática dos mecanismos de marcação do gênero em Português parecem estar na origem das tendências reveladas sobre o uso dos possessivos por membros do nosso grupo alvo. Conhecendo, portanto, estes fatores, recomenda-se uma ação, levada a cabo por todas as entidades que se envolvem no projeto de ensino de PLE, que permita a redução do impacto negativo destes fatores no desenvolvimento de competências em Português.

Trends in nominal agreement in the use of possessives by learners of Portuguese as a foreign language: the case of Zimbabwean university students

ABSTRACT

Nominal agreement is one of the critical areas when speakers of other languages learn Portuguese as foreign language. This paper aims to describe nominal agreement between possessives and nouns in a *corpus* comprising noun phrases written by second and third year undergraduate learners of Portuguese as foreign language. These two groups speak Shona as mother tongue and English as second language, whose mechanisms of nominal agreement are different from the Portuguese. Theories about *input* and its processing and about the role of previous linguistic knowledge enlighten this study. Data analysis, based on qualitative and quantitative approaches, reveals that, although agreement according to European Portuguese is more representative than the non-target agreement, this presents peculiar characteristics. The first characteristic regard the tendency of marking plural number exclusively on the noun head, and the feminine gender on the possessive. The second has to do with the preferential and non-targeting use of feminine and masculine possessives, according to the biological gender of the speaker. Finally, the third regards the irrelevance of thematic indices *-a* and *-o* coincident with feminine and masculine when establishing nominal agreement.

KEYWORDS: Learners of Portuguese as foreign language. Nominal agreement. Possessives. Tendencies and strategies.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, P. S. Tratamento morfossintático de expressões e estruturas fráscas do português em Angola: Divergências em relação à norma europeia. 594f. Évora: Universidade de Évora (Tese de Doutorado em Linguística), 2014, 594p.
- BRITO, A. M. Os possessivos em português numa perspectiva de sintaxe comparada. In: Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas, II Série, Volume XX, Tomo II, Porto, 2003, p. 495-522.
- CASTRO, A. Sobre possessivos simples em português. In: XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 2007, p. 223-237.
- COSTA, M. T. B. Variação da concordância nominal no sintagma nominal: um estudo na escrita dos alunos do município de Ribeira do Pombal – Bahia. In: MOURA, D. (Org.). Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita. Maceió: EDUFAL, 2008, p. 567-570.
- DIAS, A. E. S. Syntaxe histórica portuguesa. Lisboa: Livrara Cássica Editora, 1918.
- DUARTE, I. Conhecimento linguístico: desenvolver a consciência linguística. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2008.
- ECKERT, P. Language and Gender in Adolescence. In: HOLMES, J; MEYERHOFF, M. (Eds.) The handbook of language and gender. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003, p. 381- 400.
- ERNESTO, N. Ensino estratégico da gramática na aula de português língua não materna. 319f. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Tese de Doutorado Metodologias de Ensino de Português com Língua não Materna, 2015), 319p.
- ERNESTO, N.; CHIPARA, M.; NHATUVE, D. Estratégia de marcação do gênero por aprendentes do português como língua estrangeira. Linguagem: Estudos e Pesquisas. Catalão-GO, vol. 20, n. 2, 2016, p. 87-110.
- FLORUPI, S. A. Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português. 271f. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Tese de Doutorado em Linguística), 2008, 271p.
- FORDYCE-RUFF, T. Feeling Possessed: The Use of the Genitive Case. Advocate, Mar. 2015, p. 61-63.

GASS, M.; SELINKER, L. *Second language acquisition: an introductory course*. New York and London: Routledge, 2008).

GASS, S. M. *Language transfer and universal grammatical relations*. In: *Language Learning* vol. 29, No 2, 1979, p. 327-344.

GONÇALVES, P. *Aspectos morfossintáticos da gramática do português de Moçambique: a concordância nominal e verbal*. In: *Cuadernos de la Alfal* No 7, 2015, p. 9 -16.

_____. *A génese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda, 2010.

HAGEMEIJER, T. *As Línguas de S. Tomé e Príncipe*. In: *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, v. 1, n. 1, 2009, pp. 1 – 27.

INVERNO, L. *Contact-induced restructuring of portuguese morphosyntax in interior Angola: Evidence from Dundo (Lunda Norte)*. 475f. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação Doutorado em Língua Portuguesa), 2009, 475p.

KRASHEN, S. *The input hypothesis: Issues and Implications*. UK: Longman, 1985.

_____. *Second language acquisition and second language learning*. New York: Pergamon Press, 1981.

LEIRIA, I. *Léxico, aquisição e ensino do português europeu língua não materna*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2006.

LONG, M. H. *Input, interaction and second-language acquisition*. In: WINITZ, H. (Ed.), *Native language and foreign language acquisition* v. 379. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1981, p.259-278. New York: New York Academy of Sciences.

LUCENA, R. O. P. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. 220f. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (Tese de Doutorado em Letras), 2016,220p .

MADEIRA, A. *Aquisição de língua não materna*. In: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (Eds.). *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português (Textbooks in Language Sciences 3)*. Berlin: Language Science Press, 2017, p. 305-330.

MANGUILHOTT, I. O. S. Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. 229f Florianópolis: Universidade Santa Catarina (Tese de Doutorado), 2009, 229.

MARIOTTO, E. e LOURENÇO-GOMES, M. C. Análise de erros na escrita relacionados à aprendizagem da concordância de gênero por falantes nativos do Inglês, aprendentes de português europeu como língua estrangeira. In: Anais do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP). Língua portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas. Faculdade de Letras/UFG, Goiânia, Goiás, Brasil, 2013, p. 1278 - 1285.

MARIOTTO, E. M. C. Processamento da concordância de gênero por aprendentes de português como língua estrangeira: evidências de um estudo de leitura automonitorada. 99f. Lisboa: Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesas), 2014, 99p.

MARTINS, C. Número e gênero nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do português europeu como língua estrangeira». In: Revista Científica da UEM: Série Letras e Ciências Sociais, v. 1, n. 1, 2015, p. 26-51.

MIGUEL, M. Para uma tipologia dos possessivos. In: Gonçalves, A. e Correia, C. N. (Orgs.) Atas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Colibri, 2002, p. 287 - 300.

MIGUEL, M.; MENDES, A. Syntactic and semantic issues in sequences of the type (adjective)-noun-(adjective). In: Journal of Portuguese Linguistics, v. 12, n. 2, 2013, p. 151- 156.

MOTA, M. A. Morfologia nas interfaces. In: Martins, A. M. e Carrilho, E. (Eds.). Manual de Linguística Portuguesa. Berlin / Boston: De Gruyter, 2016a, p. 156-177.

_____. A categoria gramatical gênero, nos nomes e adjetivos do Português: algumas reflexões. Diadorim, Especial. Rio de Janeiro, 2016b, p. 150-164.

Müller, A. L. O significado da ordem dos pronomes possessivos no sintagma nominal. Revista da ANPOLL, n. 4, 1998, p. 11-37.

NHATUVE, D. Gênero e possessivos em português língua estrangeira. Forum Linguístico, Florianópolis, vol. 15, n. 2, 2018, p. 3043 - 3054.

NOBRE de A. O uso de pronomes possessivos com referência ao destinatário em cartas pessoais de evangélicos do século XX. *Forum Linguístico*. Florianópolis, v. 15, n. 4, 2018, p. 3303-3320

ODLIN, T. *Language Transfer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

PARADIS, M. Neurolinguistic aspects of implicit and explicit memory: implications for bilingualism. In: Ellis, N. (Ed.), *Implicit and explicit learning of Second Languages*. London: Academic Press, 1994, p. 393 - 419.

PARADIS, M. Language and communication disorder in multilinguals. In: STEMMER, B.; HARRY, A. W. (Eds.) *Handbook of the neuroscience of Language*. London: Academic Press is an imprint of Elsevier, 2008, p. 341-349.

PERES, J.; MÓIA, T. *Áreas críticas da língua português*. Lisboa: Caminho, 1995.

PETERS S.; WESTERSTÅHL, D. The semantics of possessives. *Language*, v. 89, n. 4, 2013, p 713-75.

PINTO, J. A aquisição de português LE por alunos marroquinos: dificuldades interlinguísticas». In: *Atas del II congreso internacional SEEPLU - Difundir la lusofonia Cáceres: SEEPLU / CILEM / LEPLL*, 2012, p. 217 - 239.

RAPOSO, E. B. P.; MIGUEL, M. Introdução ao sintagma nominal». In: RAPOSO et al. (Orgs.) *Gramática do português*. Fundação Calouste Gulbenkian, V. I, 2013, p. 703 -731.

SELINKER, L. Interlanguage. In: *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, vol. 10, 1972, p. 209-231.

WIELGOSZ, M. Algumas observações sobre os possessivos em português. *Studia Romanica Posnaniensia*, Adam Mickiewicz University Press, Poznań, v. 40, n. 1, 2013, p. 135-148.

Recebido: 19 mar. 2021

Aprovado: 7 out. 2023

DOI: 10.3895/rl.v25n46.13955

Como citar: NHATUVE, Diocleciano; ERNESTO, Nelson M. Tendências de concordância nominal no uso dos possessivos por aprendentes de português como língua estrangeira: o caso dos estudantes universitários do Zimbabué. *R. Letras*, Curitiba, v. 25, n. 46, p. 101-121, jan./jun. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

